

Ouvintes e rádio – uma relação que atravessa gerações

Ouvinte: protagonista invisível do rádio

O ouvinte é quem dá sentido ao rádio; sem a audiência, a transmissão radiofônica não passa de impulsos elétricos. Na Era de Ouro do Rádio (décadas de 1930-1950), era comum famílias inteiras se reunirem em casa, ao redor do aparelho de rádio no centro da sala, para escutar novelas e programas de auditório.

Nos estúdios dos rádios, plateias lotavam os auditórios das grandes emissoras para assistir aos programas ao vivo. As vozes saíam dos microfones com o calor das reações do público, que aplaudia, ria e chorava junto com artistas, radioatrizs, radioatores e apresentadores.

Atualmente, ao sintonizar o rádio no carro ou no celular, cada ouvinte personaliza sua experiência: escolhe programas de música, jornalismo, esportes ou entretenimento, criando um vínculo afetivo com as vozes e as melodias que acompanham seu dia. Nesta cartilha, vamos seguir um percurso histórico desta relação:

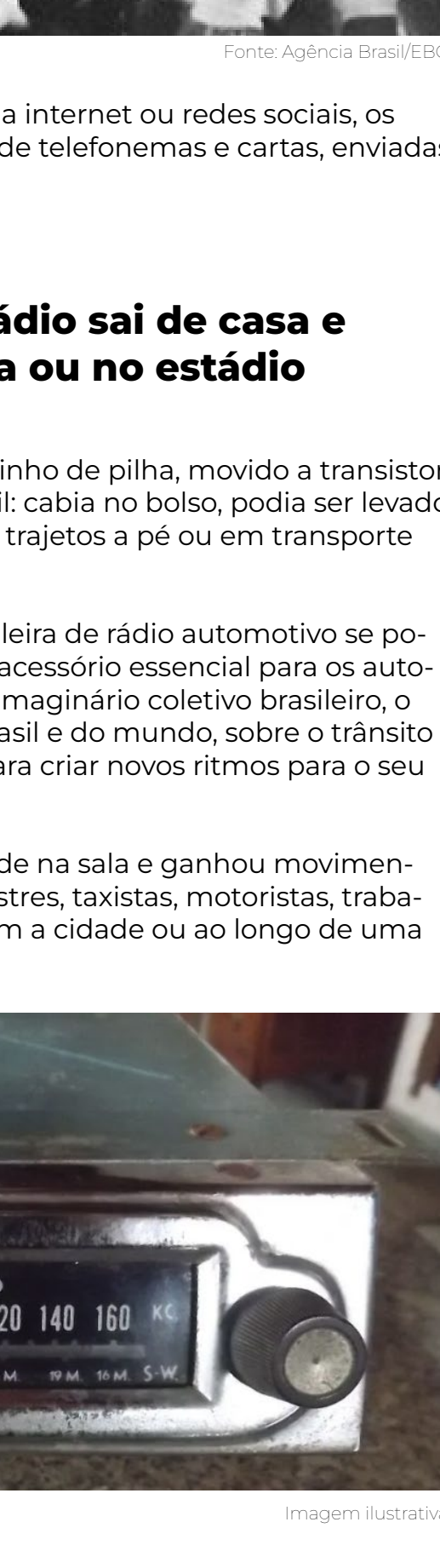
- Década de 1920: interesse amador na recepção experimental;
- 1930-1950: período de formação de audiência familiar;
- 1950-2000: mobilidade do rádio, com a chegada do transistor e a miniaturização dos aparelhos;
- 2000 até os dias atuais: o rádio se expande para multiplataformas e podcasts.

No final desta cartilha, você encontra atividades interativas e jogos sobre o tema, para fixação do conteúdo.

As primeiras transmissões e o ouvinte amador

Na década de 1920, as transmissões sofriam fortes interferências do ambiente, e o alcance era limitado. A voz chegava aos ouvintes através de muitos chiados e estalos. A audiência ainda era pequena: os ouvintes utilizavam rádios de galena, sem amplificadores, com fontes de ouvido e aparelhos caseiros rudimentares, que captavam as transmissões com baixa fidelidade, tornando a experiência apenas uma curiosidade, um hobby.

As emissoras faziam transmissões apenas em alguns dias de semana e por algumas horas diárias. O público ouvia mais para experimentar a novidade tecnológica do que por fidelidade a algum programa.



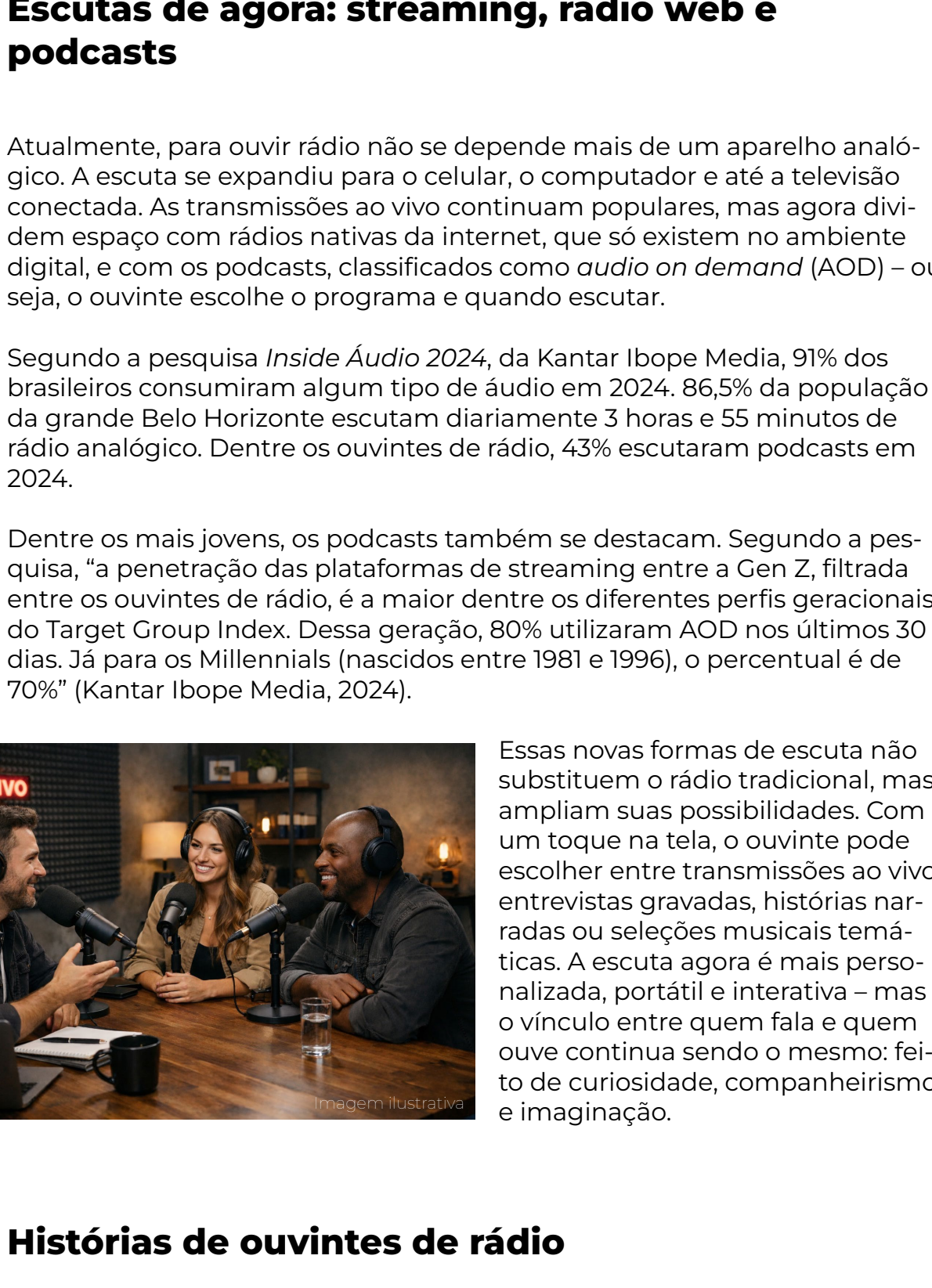
Fonte: Inside Craydon www.insidecraydon.com

Era de Ouro do Rádio (1930-1950): o rádio como coração da casa

No início da década de 1930, o governo de Getúlio Vargas regulamentou a radiodifusão brasileira e deu incentivos para fábricas de aparelhos receptores se instalarem no país. Com a consolidação do AM e a queda no preço dos aparelhos, as famílias passaram a se reunir ao redor do rádio para acompanhar seriados, radionovelas, noticiários, programas de auditório, programas infantis, dentre outros.

A programação das grandes emissoras oferecia opções para toda a família, das crianças aos mais idosos. O aparelho de rádio geralmente era um grande móvel de madeira, colocado no centro da sala; alguns também tinham um toca-discos embutido. O aparelho era à válvula: ao ligar, era preciso esperar um pouco para as válvulas se aquecerem e as vozes radiofônicas surgirem na sala. Esse ritual de escuta aproximava gerações e fazia do entorno do rádio um espaço de socialização tão importante quanto a mesa de jantar.

Os estúdios das emissoras também se tornaram um lugar de encontro daquele tempo. As pessoas formavam filas imensas na entrada das rádios para participar dos programas de auditório e ver os seus artistas de perto.



Fonte: Agência Brasil/EB3

Naqueles tempos em que ainda não existia internet ou redes sociais, os ouvintes também participavam por meio de telefonemas e cartas, enviadas para a emissora.

Transistor e mobilidade: o rádio sai de casa e acompanha o ouvinte na rua ou no estádio

Na década de 1950, chegou ao Brasil o radinho de pilha, movido a transistor. Pela primeira vez, o rádio se tornou portátil: cabia no bolso, podia ser levado para o estádio, acompanhar o ouvinte nos trajetos a pé ou em transporte público.

No final da década, a primeira marca brasileira de rádio automotivo se popularizou: o Motoradio, que se tornou um acessório essencial para os automóveis. Até hoje, essa marca faz parte do imaginário coletivo brasileiro, o ouvinte se informa sobre as notícias do Brasil e do mundo, sobre o trânsito local, ou escolhe uma emissora musical para criar novos ritmos para o seu deslocamento.

Assim, a escuta de rádio saiu da imobilidade na sala e ganhou movimento, fazendo companhia aos ouvintes pedestres, taxistas, motoristas, trabalhadores rurais, torcedores, ao atravessarem a cidade ou ao longo de uma jornada de trabalho ou lazer.



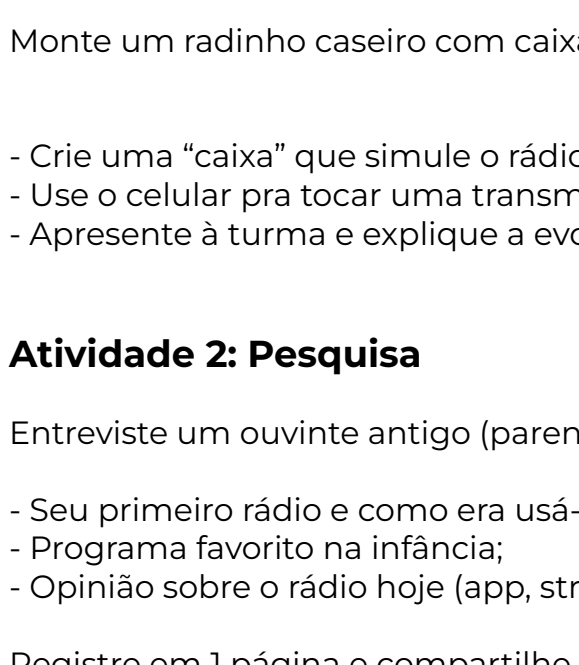
Imagem ilustrativa

Rádios comunitárias: as vozes do povo

Antes de serem reconhecidas por lei, as rádios comunitárias eram conhecidas como "rádios livres". Surgiram, em muitos casos, de forma clandestina, como rádio pirata, e iniciais de grupos populares que queriam levar informação, cultura e música para suas comunidades, especialmente aquelas esquecidas pela mídia tradicional.

Essas rádios operavam com equipamentos improvisados, começa a mudar e quase sempre sob o risco de repressão. Essa realidade começou a mudar com a criação da Lei nº 9.612, de 1998, que regulamentou o serviço de radiodifusão comunitária no Brasil, reconhecendo o papel social dessas emissoras e estabelecendo regras específicas para seu funcionamento.

Um dos exemplos emblemáticos é a Rádio Favela, criada na década de 1970, no Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte. Idealizada por jovens da periferia, a rádio começou como uma transmissão clandestina voltada para os moradores da comunidade. Com o tempo, tornou-se referência nacional por sua programação educativa, cidadã e musical, voltada para os interesses da comunidade. Legalizada após a regulamentação, a Rádio Favela ganhou visibilidade internacional e foi tema do premiado filme brasileiro *Uma onda no ar*, de Helvécio Ratton (2002).



Hoje, com o nome "Rádio Autêntica Favela FM", a emissora continua sendo símbolo da luta pelo direito à comunicação e exemplo da força que o rádio tem como instrumento de inclusão e transformação social.

Fonte: Imagem produzida pela equipe do projeto

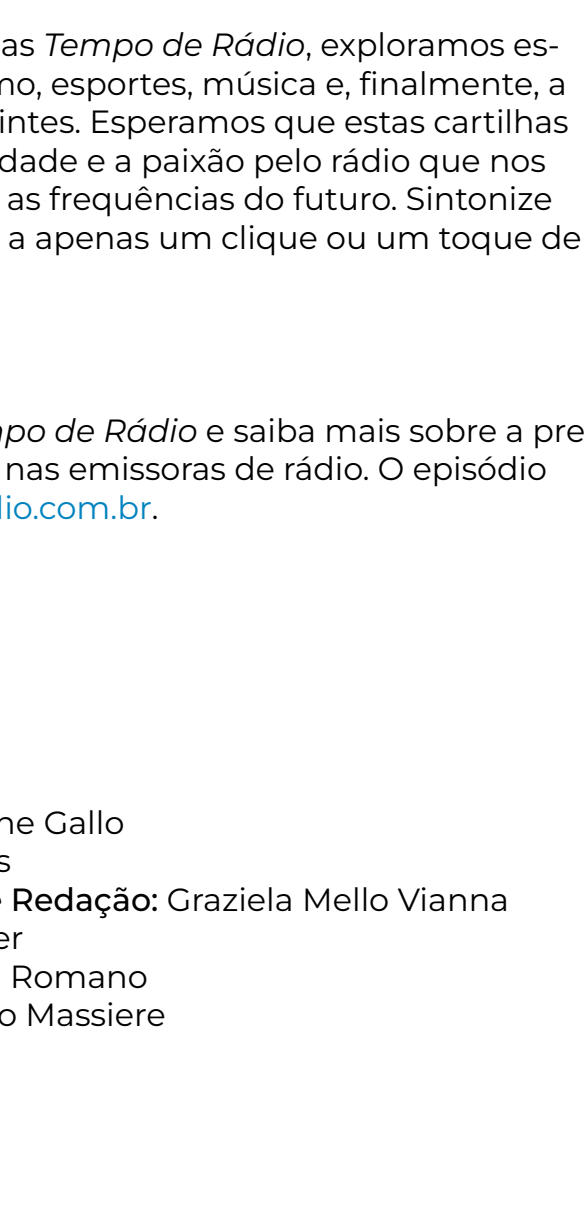
Rádio UFMG Educativa: informação e cultura para além da comunidade acadêmica

A Rádio UFMG Educativa (104,5 FM) é um exemplo de como o rádio universitário pode fortalecer os laços entre a comunidade acadêmica e a sociedade. Criada em 2005 por iniciativa da professora da UFMG Maria Ceres Spínola Castro, e do jornalista Elias Santos (foto) dentro outros, ela é vinculada à Universidade Federal de Minas Gerais e integra o sistema de rádios educativas públicas do país.

Sua programação é composta por produções jornalísticas, culturais e musicais que refletem a diversidade de saberes da universidade. Professores, estudantes e técnicos participam de programas que discutem ciência, saúde, educação, meio ambiente e arte. Ao mesmo tempo, a rádio se conecta com ouvintes de fora do campus, promovendo acesso gratuito a conteúdos qualificados.

A Rádio UFMG Educativa tem um público variado: de estudantes e pesquisadores à motoristas de aplicativo, moradores da Região Metropolitana e ouvintes digitais distropicograficamente. Ao unir conteúdo acadêmico e linguagem acessível, a emissora reforça seu papel como ponte entre a universidade e a comunidade.

Elias Santos, um dos fundadores da Rádio UFMG Educativa
Fonte: arquivo pessoal Simone Gallo



Escutas de agora: streaming, rádio web e podcasts

Atualmente, para ouvir rádio não se depende mais de um aparelho analógico. A escuta se expandiu para o celular, o computador e até a televisão conectada. As transmissões ao vivo continuam populares, mas agora dividem espaço com rádios nativas da internet, que só existem no ambiente digital, e com os podcasts, classificados como *áudio on demand* (AOD) – ou seja, o ouvinte escolhe o programa e quando escutar.

Segundo a pesquisa *Inside Áudio 2024*, da Kantar Ibope Media, 91% dos brasileiros consumiram algum tipo de áudio em 2024. 86,5% da população da grande Belo Horizonte escutam diariamente 3 horas e 55 minutos de rádio analógico. Dentre os ouvintes de rádio, 43% consomem podcasts em 2024.

Dentre os mais jovens, os podcasts também se destacam. Segundo a pesquisa, "a penetração das plataformas de streaming entre a Gen Z, filtrada entre os ouvintes de rádio, é a maior dentre os diferentes perfis geracionais do Target Group Index. Dessa geração, 80% utilizam AOD nos últimos 30 dias. Já para os Millennials (nascidos entre 1981 e 1996), o percentual é de 70%" (Kantar Ibope Media, 2024).

Essas novas formas de escuta não substituíram o rádio tradicional, mas ampliam suas possibilidades. Com um toque na tela, o ouvinte pode escolher entre transmissões ao vivo, entrevistas gravadas, histórias narradas ou seleções musicais temáticas. A escuta agora é mais personalizada, portátil e interativa – mas o vínculo entre quem fala e quem ouve continua sendo o mesmo: feito de curiosidade, companheirismo e imaginação.

Histórias de ouvintes de rádio

Valéria do Santo Antônio

Valéria da Cunha Melo, também conhecida por Valéria do Santo Antônio (em referência ao bairro em que ela reside em Belo Horizonte, na região Sul da capital), era uma ouvinte fiel da Rádio Inconfidência.

Valéria entrava em contato todos os dias para participar dos programas por telefone, conversava sobre diversos assuntos, brigava quando havia mudanças e corrigia a programação errada. Ela também ligava fora do ar, no telefone pessoal dos funcionários, sabia o aniversário de todos os apresentadores, foi convidada para casamento de funcionários e organizou uma festa de aniversário para comemorar um ano do programa *Acordados na madrugada*. A mãe de Elias Santos chegou a ir à casa de Valéria, para conhecer aquela mulher com a "voz de senhora" que dedicava boa parte do seu tempo para acompanhar a emissora.

A ouvinte gravou a programação em fitas cassete desde que começou a acompanhar a rádio, em 1991, até o seu falecimento, em 2015. A maior parte delas é dos programas da emissora AM e dos programas da emissora FM em que os apresentadores abrem espaço para os ouvintes, dentre eles, a própria Valéria. Algumas fitas gravadas pela ouvinte eram enviadas por ela como presente a Elias Santos. Uma parte do seu acervo – em torno de 1.500 fitas – foi doada por seu sobrinho à emissora após o seu falecimento e se constituiu como o principal acervo da emissora. As fitas demonstram o seu fascínio pela emissora; ela era uma das ouvintes mais participativas, contrbuindo, assim, pra preservar a memória da rádio.

Diana, a paraense

Diana Mourão, 58 anos, nasceu no Pará, onde passou a infância e adolescência. Desde pequena, aprendeu a importância do rádio como meio de informação e acesso à informação, especialmente em comunidades ribeirinhas do seu Estado, onde o acesso à internet é limitado. Quando Diana se mudou para o Espírito Santo e, depois, para Minas Gerais, levou com ela esse hábito de escutar rádio diariamente, reforçando seu vínculo afetivo com o meio.

Em Belo Horizonte, Diana Mourão começou a escutar a Rádio Inconfidência, por influência do seu marido Hamilton Montanha, artista plástico e ouvinte fiel de rádio. Foi quando Diana viveu uma transformação ainda mais profunda na sua relação com o rádio: o programa *Casa Alberta*, apresentado por Elias Santos e Velise Maciel na Rádio Inconfidência, tinha um canal de comunicação direta com os ouvintes pelo WhatsApp, o que despertou em Diana um novo tipo de engajamento.

Enviando mensagens, áudios e comentários, Diana passou de ouvinte a colaboradora ativa, ajudando a construir a pauta do programa, além de passar a se engajar em campanhas sociais juntamente com comunidades de ouvintes. Com sua fala marcada por expressões da região Norte, conquistou a simpatia dos comunicadores e dos outros ouvintes-“escutantes”, e acabou se tornando uma referência entre eles.

Com essa participação ativa, Diana, uma comunicadora nata, passou a articular redes de ouvintes. Com a mobilização de todos e todos, foram organizados encontros de ouvintes, aniversários do programa *Casa Alberta*, campanhas sociais e até abaixo-assinados em defesa do programa. Hoje, a comunidade de ouvintes reúne mais de duas mil pessoas em todo o país. A experiência de Diana Mourão mostra como o rádio continua a ser um espaço potente de pertencimento, expressão e mobilização, mesmo em tempos digitais. Para Diana, escutar rádio nunca foi apenas ouvir: sempre foi participar. Ligada no rádio de 7h da manhã até a hora de dormir, para Diana, "rádio é vida, é cultura, é cidadania".

Rangel Sales, professor universitário

"Meu primeiro brinquedo foi um rádio." Assim começa a história de Rangel Sales com o rádio, hoje professor universitário, 49 anos, mas desde criança um apaixonado por tudo o que vem das ondas do rádio. Quando Rangel tinha apenas cinco anos, ele usou uma chave de fenda para desmontar um Motoradio que o pai, seu Pedro, tinha deixado de lado. Rangel encontrou um universo de sons, fiado e imaginação dentro daquele aparelho.

Rangel cresceu numa casa onde se ouvia rádio o dia todo. A mãe, dona Margarida, era ouvinte fiel da Rádio Itatiaia, da Rádio Cultura e da Rádio Capital. Ligava o aparelho logo cedo e deixava ligado até o fim do dia. Quando o pai voltava do trabalho, se juntava à escuta da Rádio Itatiaia para acompanhar as notícias do time do coração da família: o Atlético Mineiro. O rádio era o fundo sonoro da rotina e, ao mesmo tempo, o centro das atenções e dos afetos.

Ele se lembra com carinho das vozes de comunicadores como Acir Cantão e Clória Lopes. O rádio ajudou, assim, a moldar a sensibilidade e a escuta atenta de Rangel Sales.

As histórias de ouvintes mostram que, mesmo com tantas transformações tecnológicas, o rádio segue vivo na escuta de quem acompanha, participa, se emociona e transforma a experiência sonora em laços reais. São essas vozes que mantêm o rádio pulsando, dia após dia, geração após geração. Seja no rádio do carro, no radinho de pilha ou no celular, o rádio continua sendo lugar de voz, representação e encontro. E, como mostram Diana, Rangel e Valéria, o rádio transforma a vida de seus "escutantes".

Chegamos ao fim desta jornada dedicada aos ouvintes, verdadeiros protagonistas do rádio. Você descobriu como, desde as primeiras transmissões cheias de chiados até os podcasts sob demanda, o rádio se transforma para acompanhar cada momento da vida. Agora é sua vez de participar: aproveite as atividades propostas para reencontrar memórias, criar sua própria "caixa" de rádio e entrevistar quem tornou esse meio tão especial em sua história.

Escuta sem ser chamado,
Fica quieto do outro lado.
Não tem programa nem microfone,
Mas sem ele o rádio não tem nome.

O que é, o que é?

Curiosidade

Nas madrugadas da Rádio Itatiaia, Hamilton de Castro era a companhia fiel de trabalhadores noturnos e ouvintes insones, conduzindo conversas ao vivo por quatro horas, sem roteiro. Em uma noite dos anos 1980, ao perguntar o que os ouvintes gostariam de ganhar no Natal, uma mulher misteriosa inverteu a pergunta e perguntou a Hamilton com o que ele sonhava como presente de Natal. Hamilton de Castro respondeu: "Uma Brasília branca". Dias depois, recebeu uma caixa de bombons na recepção da rádio; dentro, 143 mil cruzeiros – o valor exato do carro. A doadora fez uma última ligação: "É só um presentinho, em troca da alegria que você me dá todas as noites." A ouvinte nunca foi identificada.

Jogo da força

A

Ela não era funcionária, mas sabia tudo o que passa na rádio.
Tinha caderno, fita cassete e memória de sobra.

C

Não tem antena, mas leva o som para longe.
Sai do bolso, da bolsa ou da mochila.

E

É quem está por trás do silêncio.
Não apresenta, não canta; mas, sem ele, nada faz sentido.

Atividades sugeridas para educadores

Atividade 1: Prática de rádio

Monte um radinho caseiro com caixa de papelão e smartphone:

- Crie uma "caixa" que simule o rádio;
- Use o celular pra tocar uma transmissão ao vivo;
- Apresente à turma e explique a evolução do seu "aparelho".

Atividade 2: Pesquisa

Entreviste um ouvinte antigo (parente ou vizinho) sobre:

- Seu primeiro rádio e como era usá-lo;
- Programa favorito na infância;
- Opinião sobre o rádio hoje (app, streaming, podcast).

Registre em 1 página e compartilhe suas descobertas.

Bibliografia:

BIANCHI, G. S., DE QUADROS, C. I., BESPALHOK, F. B., & KASEKER, M. Perfis de ouvintes: perspectivas e desafios no panorama radiofônico. **Matrizes**, v. 11, n. 1, p. 189-209, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v11i1p189-209>.

CALABRE, Lia. **A Era do Rádio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002. v. 01.

KANTAR IBOPE MEDIA. **Inside Audio 2024**: hábitos de consumo de áudio no Brasil. São Paulo: Kantar Ibope Media, 2024. Disponível em: <https://kantaribope.com.br/inside-audio-2024/>.

MARTINS, Kao; COSTA, Eduardo. **Uma paixão chamada Itatiaia**: 50 anos de história. Belo Horizonte: Ed.Tamoios, 2002.

MARTINS, Cálita F. P. **O perfil de um ouvinte ativo e participativo**: consumo radiofônico em plataformas digitais. Cachoeira: Editora Fi, 2022.

MELLO VIANNA, Graziela V. G.; PESSOA, Sônia. Retrato sonoro. In: ENCONTRO DOS GRUPOS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO, 17, 2017, Curitiba. Anais... São Paulo: Intercom, 2017. Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídias Sonoras do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

CEM anos do rádio no Brasil: os ouvintes. RÁDIO AGÊNCIA – EBC. Rio de Janeiro, 7 set. 2022. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/radio-agencia-nacional/cultura/audios/2022-08/cem-anos-do-radio-no-brasil-os-ouvintes>.

Ao longo dos sete volumes das cartilhas *Tempo de Rádio*, exploramos estruturas, bastidores, gêneros e jornalismo, esportes, música e, finalmente, a relação única entre o rádio e seus ouvintes. Esperamos que estas cartilhas tenham inspirado curiosidade, criatividade e a paixão pelo rádio que nos une em todas as ondas, de ontem até as frequências do futuro. Sintonize sempre: a próxima história pode estar a apenas um clique ou um toque de botão.

Boa sintonia e até a próxima estação!

Assista ao episódio 7 da websérie *Tempo de Rádio* e saiba mais sobre a presença da música e da cultura popular nas emissoras de rádio. O episódio está disponível em: www.tempoderadio.com.br.

Créditos

Realização: Rodrigo Mitre
Coordenação Geral: Luciana Salles
Coordenação de Comunicação: Simone Gallo
Produção Executiva: Sirlene Magalhães
Pesquisa, Elaboração de Conteúdos e Redação: Graziela Mello Vianna
Licenciamento de imagens: Erika Ziller
Revisão de Textos e de Provas: Márcia Romano
Projeto Gráfico e Diagramação: Márcio Massiere

Ficha Técnica do Projeto

Realização e Coordenação

Realização: Rodrigo Mitre
Coordenação Geral: Luciana Salles
Coordenação de Produção: Sirlene Magalhães
Coordenação de Comunicação: Simone Gallo
Coordenação Financeira: Cristiane Gazzinelli

Conteúdo e Pesquisa

Pesquisa, Elaboração de Conteúdos e Redação: Graziela Mello Vianna
Licenciamento de Imagens: Erika Ziller

Websérie

Direção: Alysson Rodrigues
Roteiro: Vinícius Correia
Câmera: Hanna Mussi
Edição: Alysson Rodrigues
Finalização: Hanna Mussi
Motion Design: HB Audiovisual
Imagens Aéreas: HB Audiovisual
Assistente de Áudio: Hassuero Coutinho
Trilha Sonora: Marcos Frederico

Projeto Gráfico e Diagramação

Design Gráfico: Márcio Massiere

Comunicação e Difusão

Mídias Sociais: Paulo Proença
Assessoria de Imprensa: Bruno Sales

Plataforma Digital

Desenvolvimento do Site: Márcio Massiere

Editorial

Revisão das Cartilhas: Márcia Romano

Jurídico e Prestação de Contas

Assessoria Jurídica: Dâniela Savoi
Prestação de Contas: Cristiane Gazzinelli e Luana Duarte

Respostas:

1. O ouvinte

2. Valéria/celular/ouvinte